

O PARADIGMA DA ENCARNAÇÃO

na missão salvífica de Jesus e da Igreja

de Jimmy Parung
jamesparung@gmail.com

RESUMO: Neste artigo discutimos a doutrina da Encarnação de Jesus e como esse mistério fundamental se aplica à missão salvadora da Igreja hoje. Na primeira parte, abordaremos o tema do mistério da Encarnação no horizonte da salvação. Nesta parte veremos que a crença de que Deus se torna homem nunca pode ser separada de seu desejo de salvar a humanidade. Enquanto isso, na segunda parte, exploraremos a conexão fundamental entre a Encarnação de Jesus e a missão da Igreja. Esta parte apresenta a estreita relação entre esses três elementos: o mistério do Verbo Encarnado, a missão de Jesus e a missão da Igreja. Para seguir manifestando a salvação de Deus ao mundo de hoje, a Igreja precisa renovar seu método de evangelização para que a mensagem do Evangelho toque mais a realidade humana. Portanto, na terceira parte, inspirada pelo Evangelii Gaudium, Exortação Apostólica do Papa Francisco sobre a evangelização no mundo atual, falaremos sobre a Igreja em saída. Esta parte não pretende detalhar cada um dos pensamentos do Papa Francisco, mas se focar em alguns pontos relevantes.

ABSTRACT: In this article, we analyze the doctrine of the incarnation of Jesus and how this fundamental mystery applies to the salvific mission of the Church today. In the first part, we will address the mystery of the incarnation within the context of salvation. In this part, we will see that the belief that God became man can never be separated from his desire to save humanity. Meanwhile, in the second part, we will explore the fundamental connection between the incarnation of Jesus and the mission of the Church. Reading this part will reveal the close relationship between these three elements: the mystery of the incarnate Word, the mission of Jesus, and the mission of the Church. To continue proclaiming God's salvation to today's world, the Church needs to renew its method of evangelization so that the message of the Gospel touches human reality more deeply. Therefore, in the third part, inspired by Evangelii Gaudium, Pope Francis' apostolic exhortation on evangelization in today's world, we will talk about the Church reaching out. This part does not attempt to elaborate in detail on each of Pope Francis' thoughts, but rather focuses on some relevant points.

1. ENCARNAÇÃO NO HORIZONTE DA SALVAÇÃO

O conceito da encarnação tem sido o tema central da teologia cristã. Em termos de salvação, a visão de Deus se tornando homem é um pilar central da teologia sistemática, pois, na visão cristã, a união do divino e do humano em Cristo é fundamental para a salvação da humanidade. Da mesma forma, a Constituição Dogmática da Igreja sobre a revelação divina de Deus afirma que o mundo e sua história são o lugar onde Deus revela a salvação (*Dei Verbum* n. 1). É claro que a salvação é destinada a todos os seres humanos. Consequentemente, para que Sua vontade seja cumprida, Deus deve participar da natureza humana. Este é o conceito de encarnação.

Na teologia cristã, a encarnação refere-se à doutrina de que Deus se tornou humano e se tornou homem na pessoa de Jesus, assumindo a natureza humana no ventre de Maria. Jesus é o fio condutor que une o Antigo e o Novo Testamento, pois cumpriu as promessas proféticas dos profetas sobre a vinda de um Salvador. De certa forma, também podemos dizer que a revelação culminante de Deus na história dos homens está na pessoa de Jesus. Ele é “Emmanuel”, que significa “Deus conosco” (Is 7,14; Mt 1,23).

1.1 Encarnação: Intervenção de Deus na História Humana

Segundo Pedro Luis Vives Pérez em seu artigo intitulado: *A Encarnação como Evento Trinitário*, o conceito da encarnação mostra o desejo de Deus de intervir, no sentido positivo, na vida humana. Portanto, a doutrina da encarnação não é uma ideia criada pelos homens.

A crença na encarnação não é resultado de uma corrente de apoteose de um homem que chega a ser Deus, auto divinizando ou raptando a divindade, mas de uma decisão livre do Deus Onipotente que se projeta para fora de si mesmo. Além disso, não é resultado de especulação humana, nem de qualquer aspiração humana. É um presente oferecido ao homem na história: “Deus amou tanto o mundo que deu seu unigénito” (Jo 3,16) (PÉREZ, 2022, p. 70).

Junto com a ressurreição, a encarnação é também o evento central e culminante no plano de de doação que Deus faz de se mesmo à criatura. O Concílio de Calcedônia (451) descreve claramente a união hipostática no mistério da encarnação:

Deus tornou-se homem, unindo sua natureza divina e sua natureza humana em uma só pessoa, de modo que a natureza humana subsiste na pessoa do Verbo divino sem ser misturado ou se confundir com ela. (FAUS, 1974, p. 452).

Na encarnação, o Filho de Deus assumiu a totalidade da natureza humana, santificando-a para a salvação de todos, de modo que Ele se tornou o sacramento primordial da nossa salvação. Por sua encarnação, vida, morte e ressurreição, ele deu um novo significado à existência do homem. Para isso, o Verbo escolheu nascer de uma mulher (Gál 4,4), não apareceu nem desceu do céu em um corpo adulto formado diretamente por Deus, mas veio da linhagem de Jessé, ou seja, da mesma linhagem humana que vinha salvar.

O aspecto humano de Jesus no mistério da encarnação é uma parte inescapável da compreensão do plano salvador de Deus para a humanidade. É somente porque participa da natureza humana que a obra salvífica, planejada por Deus e realizada pelo Filho, ganha seu significado.

Essa humanidade de Jesus é concretamente voluntária por Deus como o cumprimento de suas promessas de salvação, é uma realidade messiânica. Essa intenção redentora e messiânica da Encarnação pressupõe que o encontro de Jesus com seus contemporâneos sempre foi, de sua parte, uma proposição de graça em forma humana. O amor do homem Jesus é, na verdade, a encarnação humana do amor redentor de Deus, uma aproximação do amor de Deus em forma visível. (SCHILLEBEECKX, 1963, P. 17).

A presença de Cristo entre os homens, vivendo as mesmas necessidades e sofrimentos inerentes a toda a humanidade, exceto o pecado, é um meio perfeito para o convite ao praticar concretamente o bem pelo ser humano, já que antes da encarnação, o modelo divino era essencialmente inacessível ao homem, enquanto em sua corporalidade, Cristo torna-se um modelo acessível de perfeição humana alcançada pela presença e ação da graça divina,

concedida pelo Espírito Santo em sua missão conjunta com o Filho, de modo que a exortação que antes era feita por palavras e oráculos agora é oferecida pela própria vida do Verbo Encarnado. Por meio da encarnação, portanto, Deus exaltou a natureza humana e o mundo material, outorgando-lhe um grande valor intrínseco.

1.2 Finalidade da Encarnação

O Filho de Deus se fez homem para realizar a obra da nossa salvação. O nome Jesus (*Yeh-shua*), que significa “Deus salva”, mostra claramente o motivo da encarnação. O fato de Jesus ter se encarnado por causa do pecado não o subordina a nenhuma criatura, mas destaca seu amor infinito e condescendente, que prefere tirar o bem do mal. O Filho de Deus tornou-se o Filho do Homem para que os homens, nele, pudessem se tornar filhos de Deus. Em definitiva, ao se fazer homem, Jesus ofereceu a Deus o sacrifício perfeito, já que as Escrituras explicam que Deus não deseja o sacrifício e a oferta de touros e carneiros, mas sim a realização de sua vontade (cf. Sal 40,7-9) (CAVALCANTI, 2023, p. 13).

Segundo Edward Schillebeeckx, a finalidade da encarnação do Filho, atribuído por Deus, é a “divinização” do ser humano por meio da redenção. Essa salvação começa com o perdão do pecado e culmina na comunhão pessoal de graça e amor com Deus. A plenitude da graça que Jesus possui por sua divindade é um presente de Deus para todos os homens receberem dele. O amor humano de Cristo para os homens e mulheres é a manifestação do amor divino, pois a misericórdia redentora de Deus chega através do seu coração humano. (SCHILLEBEECKX, 1963, p. 19).

A razão da encarnação foi um ato de misericórdia; ou seja, O Verbo se fez carne para salvar o que estava perdido. Segundo o teólogo alemão Karl Rahner, a característica da misericórdia é inclinar o superior para com o inferior. No entanto, essa inclinação não busca subordinação ao inferior, mas sua elevação para si mesmo. Dessa forma, o Verbo se abaixa para restaurar a natureza humana que foi danificada pelo pecado (RAHNER, 1986, p. 143).

São João é o evangelista que apresenta explicitamente o conceito da encarnação. O prólogo de seu Evangelho (João 1,1-3) mostra a verdadeira personalidade do Filho como a Palavra de Deus e descreve os atributos do *Logos*, posteriormente referido a Jesus Cristo ao longo do texto. A primeira ideia que João apresenta é a pré-existência e eternidade do *Logos*, que aparece como uma realidade teológica em identidade com o Pai e em uma vida íntima com Ele. (CAVALCANTI, 2023, p. 13)

No princípio existia Palavra e a Palavra estava junto a Deus, e a Palavra era Deus. Ela estava começando com Deus. Todas as coisas existiam através dela, e sem ela nada existia de tudo o que existe (João 1,1-3).

Essa perspectiva teológica de João torna-se um guia fundamental para reler o mistério cristológico do Quarto Evangelho, cujo centro está no duplo movimento do *Logos*: a partida do Pai para o mundo e sua partida do mundo para retornar ao Pai. É neste Evangelho que encontramos as afirmações mais explícitas e densas sobre a encarnação, entendida como o início e a dimensão permanente da obra de Cristo. O dito anteriormente se sustenta pela clara afirmação da pré-existência eterna do Filho, que culmina em sua encarnação e habitação real nas esferas humana e material. Assim como o homem é necessário para receber a revelação e salvação, a fé e a justificação humanas não são possíveis sem iniciativa divina. (CAVALCANTI, 2023, p. 19).

A salvação começa com um processo de humanização: Cristo, como Salvador, expressa a vida trinitária de Deus em uma criatura (Jesus Cristo) e a criatura está unida a Deus. O Deus trino, na pessoa do Filho, com a ação do Espírito que eleva e configura a humanidade, insere-se na história humana e a atrai para si. Ao fazer isso, ele atrai toda a criação consigo para seu centro original e para seu lar para sua plenitude. Portanto, a encarnação é o momento culminante em que Deus acolhe a criação, unindo-se a ela de tal maneira que, apesar da diferença, a união entre o Criador e a criatura se fortalece. É nisso que consiste a salvação: em uma oferta irrevogável de Deus ao nos dar seu Filho e ao nos assumir em sua paternidade, oferta que requer uma resposta em

conformidade livre por parte de cada pessoa (GONZÁLEZ DE CARDENAL, 2001, p. 388).

Em resumo, a Encarnação é o mistério da humildade de Deus, como São Paulo expressa na Carta aos Filipenses: “Jesus, sendo de condição divina, não se apegou avidamente a ser igual a Deus, mas esvaziou-se assumindo a forma de servo, tornando-se como homens e aparecendo em sua postura como homem; e se humilhou, obedecendo até à morte e à morte na cruz” (Fl 2,6-8). O mistério da encarnação não é uma teoria criada pelo homem, mas a expressão de um Deus que deseja estar presente e acompanhar a humanidade. O Deus dos cristãos é um Deus que revela sua misericórdia, se apresenta na história humana e nos concede a salvação.

2. RELAÇÃO ENTRE ENCARNAÇÃO, MISSÃO DE JESUS E MISSÃO DA IGREJA

A missão de Jesus no mundo é clara: realizar a salvação. Por meio da pregação da chegada do Reino de Deus, o Nazareno faz a salvação presente no mundo; no entanto, a plenitude dessa obra salvífica de Deus se manifesta plenamente quando Ele se entrega na cruz para o perdão dos pecados. A Constituição Dogmática *Dei Verbum* fala explicitamente da missão salvadora de Jesus. Partindo do conceito de que Jesus é a culminação da revelação de Deus, este documento descreve a missão de Jesus de salvar o mundo por meio da palavra e da ação. Essa missão atinge sua plenitude acima de tudo por meio de sua morte e ressurreição.

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus nestes nossos dias, que são os últimos, através de Seu Filho (Hb. 1, 1-2). Com efeito, enviou o Seu Filho, isto é, o Verbo eterno, que ilumina todos os homens, para habitar entre os homens e manifestar-lhes a vida íntima de Deus (cf. Jo 1, 1-18). Jesus Cristo, Verbo feito carne, enviado «como homem para os homens», «fala, portanto, as palavras de Deus» (Jo 3,34) e consuma a obra de salvação que o Pai lhe mandou realizar (cf. Jo 5,36; 17,4). Por isso, Ele, vê-lo a Ele é ver o Pai (cf. Jo 14,9), com toda a sua presença e manifestação da sua pessoa, com palavras e obras, sinais e milagres, e sobretudo com a sua morte e gloriosa ressurreição, enfim, com o envio do Espírito de

verdade, completa totalmente e confirma com o testemunho divino a revelação, a saber, que Deus está conosco para nos libertar das trevas do pecado e da morte e para nos ressuscitar para a vida eterna (DV n. 4).

A partir dessa clarificação, pode-se ver que encarnação e missão estão intimamente relacionadas. No contexto da história da salvação, a encarnação é a base e a principal base para Jesus iniciar seu trabalho missionário. Durante sua vida pública, Jesus realiza muitos milagres. Eles são sinais visíveis da presença de um poder salvador e divino no mundo. Ao mesmo tempo, eles testemunham que Jesus é o Filho de Deus e, portanto, ao realizar milagres, manifesta sua glória (Jo 2,11).

2.1 Evangelho: Inspiração da Missão da Igreja

A encarnação de Jesus é o modelo da missão redentora no mundo. Por meio dela, Deus nos mostrou como viver, amar e servir, chamando-nos a seguir seu exemplo. Esse acontecimento é o pilar da missão do Nazareno, pois, a partir de sua humanidade, ele pode compreender e entrar na vida humana, enquanto, de sua divindade, oferece a salvação à humanidade. Por essa razão, o Concílio de Calcedônia (451) formalizou a união dessas duas naturezas na pessoa de Jesus.

Todos nós professamos a um e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, completo quanto à divindade, e completo quanto à humanidade em duas naturezas, inconfusas e inalteradas, sem divisão e sem separação, ambos unificadas em uma pessoa e em uma hipótese (Concílio de Calcedônia, 451)

Para manter a continuidade do plano divino, Jesus, o Verbo Encarnado, fundou uma comunidade durante sua vida pública. Sob a orientação do Espírito Santo, essa comunidade cresceu e se tornou a Igreja, uma instituição que prolonga a missão de Cristo de revelar a verdade. Essa missão apostólica tem sido fundamental desde suas origens, preservando a integridade e a totalidade do Evangelho confiado pelo Senhor (DV 7). Assim, a tarefa evangelizadora da Igreja reflete seu compromisso contínuo em proclamar a verdade do Evangelho na história.

Na pregação da Igreja, o Evangelho sempre foi fonte de inspiração, objeto de contemplação, tema de proclamação e motivo de sua atividade missionária. A verdade revelada e a Palavra de Deus, contidas na Tradição e nas Escrituras, encontram sua garantia de autenticidade no Espírito Santo. Por meio da Sagrada Tradição e sob a orientação do Paráclito, a Igreja transmite a todas as gerações sua doutrina, vida e culto, legando aos crentes a plenitude da verdade revelada (DV 8).

Para os cristãos, a verdade se manifesta na Palavra revelada do Pai, que vem ao nosso encontro para nos oferecer vida e perdão. Se antes a vida era adaptada à verdade pela Lei, agora é Jesus, o Verbo Encarnado, quem nos oferece vida e liberdade através da verdade (SCHILLEBEECKX, 1963, p. 38). Seguir Jesus como verdade traz consigo exigências espirituais particulares: assumi-lo como a Sabedoria de Deus e viver em crescente conhecimento e fidelidade a ele. Essa confiança é a entrega da própria vida a Alguém que sempre se mostrou fiel e salvador.

Para a Igreja, a pregação da Palavra não é apenas uma honra, mas uma missão que deriva do mandamento do Senhor (Mt 28,18-20; Mc 16,15-16; Jon 17,18-20). Isso é necessário e insubstituível na economia atual da salvação, já que a fé nasce da escuta e se baseia na proclamação do Evangelho (LATOURELLE, 1982, p. 507). Portanto, para realizar essa tarefa, a Igreja deve encontrar a forma adequada de receber a mensagem e, assim, poder manifestar seu poder libertador e renovador (EG 24).

2.2 Igreja Encarnada: Sacramento de Salvação

Após a morte de Jesus, a Igreja continua a cumprir a missão salvífica. Ela é o sacramento da salvação de Deus para a humanidade; sua principal tarefa, segundo o Catecismo da Igreja Católica, é ser o sinal da união íntima dos homens com Deus

A Igreja está em Cristo como sacramento ou sinal e instrumento de união íntima com Deus e da unidade de toda a raça humana (LG 1): Ser o sacramento da união íntima dos homens com Deus é o primeiro fim da Igreja. Como a comunhão dos homens está

enraizada na união com Deus, a Igreja também é o sacramento da unidade da raça humana. Essa unidade já começou nela porque reúne homens “de todas as nações, raças, povos e línguas” (Ap 7,9); ao mesmo tempo, a Igreja é “um sinal e instrumento” da plena realização dessa unidade que ainda está por vir (CIC 775).

Como Jesus, para que sua missão realmente responda às necessidades humanas, a Igreja precisa se encarnar em todos os contextos da vida. Tendo sido enviada ao mundo, deve reconhecer claramente os sinais dos tempos presentes para que sua existência, como sacramento de salvação, continue a ter significado hoje. Para cumprir essa missão, ela deve ser fundada na pessoa de Cristo e em sua Palavra. A Igreja é um reflexo do rosto de Jesus, que continua acompanhando e protegendo cada ser humano.

A salvação, que é sempre um dom do Espírito, exige, segundo a Encíclica *Redemptoris Missio*, a colaboração do homem para salvar a si mesmo e aos outros. É isso que Deus quis, por essa razão e para isso se estabeleceu e associou a Igreja ao seu plano de salvação. Esse povo messiânico, constituído por Cristo em ordem da comunhão de vida, caridade e verdade, também é usado por ele como instrumento de redenção universal e é enviado ao mundo inteiro como a luz do mundo e o sal da terra (RM 9). Dessa forma, a Igreja torna-se o sacramento universal da salvação.

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* descreve claramente a relação entre encarnação e missão salvífica de Jesus no mundo.

O Verbo de Deus, por quem tudo foi feito, fez-se homem, para o homem perfeito, a todos salvar e tudo recapitular. O Senhor é o fim da história humana, o ponto para onde tendem os desejos da história e da civilização, o centro do gênero humano, a alegria de todos os corações e a plenitude das suas aspirações (25). Foi Ele que o Pai ressuscitou dos mortos, exaltou e colocou à sua direita, estabelecendo-o juiz dos vivos e dos mortos. Vivificados e reunidos no seu Espírito, caminhamos em direção à consumação da história humana, a qual corresponde plenamente ao seu desígnio de amor: «recapitular todas as coisas em Cristo, tanto as do céu como as da terra» (Ef. 1,10) (GS 45).

Este mesmo documento expressa também a tarefa da Igreja como sacramento da salvação que deriva de Cristo:

O único fim da Igreja é o advento do reino de Deus e o estabelecimento da salvação de todo o gênero humano. E todo o bem que o Povo de Deus pode prestar à família dos homens durante o tempo da sua peregrinação deriva do facto que a Igreja é o «sacramento universal da salvação» (24), manifestando e atuando simultaneamente o mistério do amor de Deus pelos homens (GS 45).

Nesta seção, vimos a relação próxima entre a encarnação de Jesus e sua obra de salvação no mundo, sendo a encarnação a pedra angular de sua missão salvadora. Como a salvação procede de Deus e é dirigida aos seres humanos, era necessário que Deus participasse da natureza humana, sem ser contaminado pelo pecado. Sua presença no mundo tornou a salvação real para o mundo. E não só isso; nesta parte também vimos como a Igreja, ao continuar a missão e pregar Jesus, se torna o sacramento da salvação para o mundo. Consequentemente, a Igreja não existe para si mesma, mas para manifestar a graça salvadora de Deus ao mundo.

3. RENOVAÇÃO MISSIONÁRIA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO SEGUNDO A EG

Na parte anterior, vimos que a Igreja, ao participar da missão de Jesus, se torna o sacramento da salvação. Para realizar essa tarefa, ele precisa reconhecer e compreender os problemas atuais da humanidade, já que sua vocação exige que ele adapte constantemente a mensagem ao contexto da vida humana. Portanto, diante do progresso no mundo de hoje, é necessário renovar os métodos de evangelização para que sua mensagem seja relevante e nos incentive a responder aos desafios atuais. Diante dessa necessidade, a Exortação Apostólica do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, pode inspirar a Igreja a realizar seu trabalho missionário no mundo contemporâneo.

Na exortação, o Papa Francisco nos lembra da vocação missionária que recebemos do batismo: pelo fato de sermos batizados, somos enviados a proclamar o amor de Cristo em um mundo ameaçado pelo desespero individualista (EG 10). Também

expressa a necessidade de proclamar o Evangelho no mundo de hoje de uma forma nova e criativa, exortando os crentes a iniciarem uma nova etapa de evangelização (EG 11). A contemplação dessa obra é mais prática do que teórica, pois permite que as pessoas realmente se imergiam no coração da vida cristã, tanto individual quanto coletivamente.

Como a Igreja não existe para si mesma, ela precisa se entregar na forma de serviço à humanidade. Ela não pode esperar passivamente no templo, mas deve se orientar para um cuidado pastoral decididamente missionário (EG 15). Uma Igreja em saída nunca se fecha, nunca recua, nunca se refugia em suas seguranças, nunca opta pela rigidez auto defensiva. Em vez disso, ele busca compreender melhor o Evangelho, discernir os caminhos que o Espírito abre, mesmo que corra o risco de se manchar com a lama do caminho (EG 45). Portanto, não tenhamos medo de revisar aqueles costumes religiosos que pouco têm a ver com o Evangelho, assim como normas ou preceitos eclesiais que já não têm a mesma força educativa que os canais da vida cristã (EG 43).

O Sínodo Diocesano de Ourense, Espanha, de 2018, define claramente a identidade de uma “Igreja em saída”, caracterizada por uma atitude acolhedora em relação a todas as pessoas, especialmente àqueles mais necessitados:

Uma Igreja em saída é uma mãe de coração aberto que sai para encontrar as periferias humanas, priorizando a escuta e o acompanhamento, em vez das urgências a serem feitas ou resolvidas. Uma Igreja em saída busca ser a casa aberta do Pai, que demonstra uma atitude acolhedora e compreensiva para com aqueles que vêm às nossas paróquias. Uma igreja em saída não é uma alfândega, mas a casa paterna onde há espaço para todos, especialmente para os esquecidos, os pobres, aqueles que não contam (O Sínodo de Ourense, 2018, p. 20).

3.1 Uma Saída que implica voltar ao coração do Evangelho

Na exortação *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco oferece uma nova interpretação do significado da “nova evangelização”. Segundo ele, o adjetivo “nova” pertence intrinsecamente à palavra

Evangelho, pois a novidade não vem de nós nem do nosso tempo, mas de Deus. O centro e a essência da mensagem é o imenso amor de Deus manifestado em Jesus Cristo. Porque as riquezas deste evangelho eterno são insondáveis, elas estão sempre disponíveis para que descubramos, repetidas vezes, sua novidade eterna. Consequentemente, dessa novidade divina é possível renovar a Igreja e, acima de tudo, a vida dos homens (PÉREZ, 2014, p. 321).

Essa conversão pastoral e missionária deve ser realizada a partir do coração do Evangelho. Claro, a conversão não deve se limitar às estruturas, mas também alcançar a mensagem que comunicamos. Nosso anúncio deve se centrar no que é essencial, com simplicidade e profundidade, para que o que é mais belo, grandioso, atraente e necessário para a vida humana possa se manifestar. Sem mutilar nada do Evangelho, é preciso destacar o princípio da misericórdia, a revolução da ternura e uma Igreja com coração de mãe, com portas abertas e um lugar privilegiado para os pobres. O Evangelho é uma proposta que responde generosamente ao amor anterior e gratuito de Deus. (PÉREZ, 2014, p. 328).

Diante da mundanidade, deve se colocar como antídoto o Evangelho. Diante da acedia, precisamos renovar o entusiasmo missionário; diante do pessimismo, oferecemos alegria e esperança evangelizadoras; diante do isolamento e do individualismo, fortalecemos o amor comunitário e fraternal; diante do medo de pregar o Evangelho, promovemos a força missionária. Enquanto isso, fora da Igreja, mostramos sinais da presença do Reino de Deus no mundo. Essa tarefa nos faz perceber a dimensão social da evangelização, que consiste em mostrar nossa preferência por aqueles que mais precisam.

Segundo Ángel Cordovilla Pérez, a renovação da Igreja deve não ser apenas inspirada pelo Evangelho, mas também deve estar enraizada no mistério da encarnação.

A primeira tarefa nasce do Evangelho e do mistério da encarnação do Filho de Deus. Todos nós somos chamados a ser instrumentos de Deus para a libertação e promoção dos pobres e a ouvir seus clamores. Eles têm um lugar privilegiado entre o povo de Deus,

reconhecendo o poder salvador de suas vidas. Junto com esta Igreja dos pobres para os pobres, é necessário resolver as causas estruturais da pobreza do ponto de vista econômico, social e político, tomando especial cuidado com a fragilidade da criação e a fragilidade dos mais fracos da sociedade. (PÉREZ, 2014, p. 330).

3.2 Uma saída que fortalece a identidade missionária da Igreja

O Papa Francisco insiste constantemente na necessidade de sair às periferias existenciais, de não nos fecharmos em nossas comunidades e não ter medo dos riscos envolvidos no trabalho de evangelização:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. (...) Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa protecção, nas normas que nos transformam em juizes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37) (EG 49).

No cerne do Evangelho está a vida comunitária e o compromisso com os outros (EG, 177). Esse compromisso nasce precisamente da dignidade inviolável de todo ser humano que foi pensado, amado e chamado à vida por Deus. Cada pessoa é filho de Deus e fomos criados à sua imagem e semelhança (Gn 1,26). Ser a imagem de Deus também implica uma dimensão comunitária: assim como Deus é, em seu mistério, uma comunidade de pessoas, possuímos uma dimensão relacional que nos impulsiona a sair para encontrar o outro. O ser humano sente o chamado para viver e se desenvolver no amor; nesse sentido, podemos afirmar que a experiência do amor é criativa do ser humano.

A proposta de “comunhão missionária” tem seu fundamento no sacramento do Batismo (EG 103), do qual provem “a grande dignidade” (EG 104) do cristão, constituindo-o um discípulo missionário. De fato, “em todos os batizados, do primeiro ao último, o poder santificador do Espírito está em ação,

impulsionando-os a evangelizar” (EG 119); assim, a vitalidade da Igreja reside no poder do Batismo, que impulsiona os discípulos a anunciar o Evangelho “em toda parte: na rua, na praça, no trabalho, na estrada” (EG 127). A nova evangelização, sob essa perspectiva, implica um novo protagonismo de cada um dos batizados (RONCAGLILOLO, 2014, p. 362-363).

Para o Papa Francisco, “alcance missionário” é o paradigma de toda a Igreja (EG. 15). Sob essa premissa, a missão se torna o eixo central: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo.” Nesse sentido, a reforma das estruturas que a conversão pastoral exige busca “garantir que todas elas se tornem mais missionárias” (EG 27). Aqui, o Papa aplica sua distinção entre missão paradigmática e missão programática: enquanto a primeira implica assumir a missão como a chave da identidade da Igreja – reformando as estruturas do cuidado pastoral comum para adotar uma abordagem permanente e extrovertida – a segunda abrange gestos simbólicos, planos concretos e eventos específicos de natureza diretamente evangelizadora.

CONCLUSÃO

Em primeiro lugar, o mistério da encarnação é um conceito fundamental que abre a esperança da salvação de Deus para a humanidade. Essa ideia sublinha o amor autêntico de um Deus próximo a nós, que deseja participar da nossa natureza humana sem ser contaminado pelo pecado.

Em segundo lugar, embora o evento central na história da salvação seja a ressurreição de Cristo, é impossível abordá-lo sem se ancorar em sua encarnação. Esse é o ponto chave e, ao mesmo tempo, o ponto de partida para entender que a história humana é um caminho que nos conduz para a salvação.

Em terceiro lugar, o conceito do Papa Francisco de ‘Igreja em saída’ representa uma solução para a renovação do método de evangelização. Essa proposta busca uma comunidade disposta a sair de sua própria zona de conforto e ousar alcançar todas as

regiões periféricas que precisam da luz do Evangelho. Ele propõe que essa instituição seja ousada, que não tema o erro nem se submeta a estruturas estagnadas.

Assim, emerge a compreensão de uma Igreja mais acolhedora do que estrutural; embora o valor de sua organização interna seja reconhecido, ela é revitalizada pelo poder do Espírito Santo e não por esforços estruturalistas. É esse Espírito que incentiva e unifica a missão comum, impulsionando a Igreja a se esvaziar para se voltar para o “Outro” e para os “outros”, reafirmando que sua verdadeira razão de ser está além de seus próprios limites.

PARA REFLETIR:

- Como missionários ad gentes que pregam o Evangelho para pessoas que não o escutam: quais são os desafios que impedem que a mensagem seja encarnada entre povos não cristãos?
- De acordo com o método proposto pelo Papa Francisco, a pregação do Evangelho é tarefa de todos os batizados. Como estamos integrando a participação leiga em nossa missão?
- O conceito da “Igreja em saída” exige uma renovação dos métodos de evangelização. Como podemos integrar essa proposta do Papa Francisco em nosso trabalho missionário?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALVO, P. R. Una Iglesia en Misión con Entrañas de Misericordia in *Misiones Extranjera: Misericordia es Misión*. Madrid: Gráficas DEHON, 2016, p. 19-37.

CARAVIAS, J. L. *Cristo es Esperanza: El Amor de Dios Visto desde el Nuevo Testamento*. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2018.

CAVALCANTI, A. J. *Aspectos Teológicos de la Encarnación en la Perspectiva de la Teología del Siglo XX*. Lima: Facultad de Teología Pontifica de Lima, 2013.

CONGAR, Y. *La fe y la Teología*. Herder: Barcelona: 1970.

ELEY, B. D.L.F. Misericordia es Misión, el Año Santo y su Dimensión Misionera in *Misiones Extranjera: Misericordia es Misión*. Madrid: Gráficas DEHON, 2016, p. 5-18.

FAUS, José Ignacio González. *La Humanidad Nueva: Ensayo de Crisología (Volumen II)*. Madrid: Sal Tarrae, 1974.

FERRANDO, M.A. *Interpretación, Verdad y Encarnación de la Palabra de Dios*. Santiago: Conferencia Episcopal de Chile, 2011.

FRIDAY, J.R. Universale Salutis Sacramentum: la Iglesia como sacramento universal de salvación en relación con los desafíos del diálogo interreligioso, in *Revista Iberoamericana de Teología*. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2012, p. 25-47.

GONZÁLEZ DE CARDENAL, O. *Cristología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

LATOURELLE, R. *Teología de la Revelación*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.

PÉREZ, A.C. La Alegría del Evangelio y la Reforma de la Iglesia: Líneas Fundamentales de la Exhortación Apostólica *Evangelii Gaudium* in *Misiones Extranjeras: Evangelii Gaudium*. Madrid: Gráficas DEHON, 2014, p. 318-332.

PÉREZ, P. L. V. La Encarnación como Acontecimiento Trinitario, in *SCRIPTA FULGENTINA: Revista de Teología y Humanidades*. Murcia: 2022, p. 67-106.

RAHNER, K. *Escritos de Teología IV*. Madrid: Taurus Ediciones, 1962.

ROJO, J. M. La Evangelización: Reflexión Vivencial a partir de la Evangelii Gaudium in *Misiones Extranjera: Evangelii Gaudium*. Madrid: Gráficas DEHON, 2014, p. 365-370.

RONCAGLILOLO, C. Iglesia en Salida: Una Aproximación Teológico Pastoral al Concepto de la Iglesia Evangelii Gaudium in *Teología y Vida*, Vol. 55, núm 2, 2024, pp. 351-369.

SCHILLEBEECKX, E. Cristo, Sacramento del Encuentro Con Dios. San Sebastián: Ediciones Dinor, S.L, 1963.

SÍNODO DIOCESANO OURENSE. *Una Iglesia en Salida: Acogedora, Samaritana y Transformadora en el Corazón del Mundo*. Ourense: Caldaria, 2028.